

## Pensando sobre o conceito de ideologia\*

Manuel Egídio Santos Cardoso\*\*

Ana Claudia Dundes\*\*\*

Como preocupação acerca de um conceito tão amplo, complexo e pleno de significados; de difícil descrição, mas que tudo descreve, usado para classificar; mas não como classificador dada a subjetividade do procedimento Semântico, criaremos uma estrutura, neste estudo, procurando se fazer compreender por todo aquele que porventura tenha este ensaio nas mãos. Para tanto, procuraremos entender conceitualmente este Ideologia.

Primeiramente a natureza deste termo, que vem de **Destutt de Tracy**<sup>1</sup> para indicar "a análise das sensações e das idéias" segundo modelo de Condillac.

A Ideologia constituiu aquela corrente filosófica que marca a passagem do racionalismo iluminístico ao espiritualismo tradicionalista e floresceu na primeira metade do século XIX.

Quanto a essência, houve uma inversão conceitual desde a criação do termo originariamente **Destutt de Tracy**, o médico **Cabanis**, **De Gérando** e **Wolney** pretendiam elaborar, que seria uma ciência da gênese das idéias, tratando-as como fenômenos que exprimem a relação do corpo humano enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elaboram uma teoria sobre as faculdades sensíveis responsáveis pela formação das idéias:

- querer ( vontade ) e recordar ( memória )<sup>2</sup>

O significado moderno a partir de **Napoleão**, que o emprega no sentido depreciativo, ao se referir aos ideologistas franceses que lhe eram hostis, entendendo, com eles, aos quase "doutrinários", isto é, pessoas carcedoras de senso político e em geral sem contato com a realidade<sup>3</sup>.

Daí em diante começa a história do significado moderno do termo que é empregado para indicar, não uma qualquer espécie de análise filosófica, mas uma doutrina.

\* Trabalho apresentado junto à Disciplina "Metodologia do Trabalho Científico" no ano de 1992. Curso de Pós-Graduação em Geografia.

\*\* Aluno do Curso de Pós-Graduação em Geografia desde março de 1992. Docente da FCT/UNESP, Departamento de Cartografia.

\*\*\* Aluna do Curso de Pós-Graduação em Geografia desde março de 1992. Docente da FCT/UNESP, Departamento de Cartografia.

<sup>1</sup> Cf. Dicionário de Filosofia, vem de sua obra *Idéologie*, 1801

<sup>2</sup> Cf. Chauí, in, *O que é Ideologia*, 1984

<sup>3</sup> Cf. Dicionário de Filosofia, ibid Pêçavet, *Les Ideologues*, Paris, 1981

mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que do termo se servem.

**Pareto**<sup>4</sup> discorre acerca da ideologia com a noção de teoria não científica, entendendo-se por esta última toda teoria não lógico experimental.

Uma teoria em geral pode ser, segundo **Pareto** julgada:

- 1- em seu aspecto objetivo, isto é, em relação à experiência;
- 2- em seu aspecto subjetivo, isto é, em sua força de presunção;
- 3- em sua utilidade social, isto é, em sua utilidade para quem produz ou acolhe.

As teorias científicas ou lógico-experimentais são avaliáveis objetivamente, não nos outros modos, porque seu escopo não é persuadir. Portanto, somente as teorias não científicas são avaliáveis com base nos dois outros aspectos.

Ciência e ideologia pertencem assim a dois campos distintos, que não têm nada em comum: - a primeira no campo da observação e do raciocínio, - a segunda no campo do sentimento e da fé.

Do ponto de vista da análise da Ideologia, a doutrina de **Pareto** estabeleceu um ponto importante: a função da Ideologia é, em primeiro lugar aquela de persuadir, isto é, de dirigir a ação. Esta capacidade diretora pode ser entendida como "*toda crença criada para o controle dos comportamentos coletivos, entendendo-se o termo crença em significado mais amplo, como noção empenhadora para a conduta, que pode ter realidade objetiva*". Compreendido neste sentido, o conceito de Ideologia torna-se puramente formal; uma vez que pode ser usada como Ideologia, tanto uma crença fundada sobre elementos objetivos, quanto uma crença totalmente infundada, seja uma crença realizável, seja uma crença não realizável. O que forma a Ideologia uma crença não é de fato a sua validade ou falta de validade, mas unicamente a sua capacidade de controle dos comportamentos em determinada situação.

Dadas as linhas gerais da gênese do termo Ideologia, do ponto de vista moderno, é importante buscar o "ethos" na Filosofia, para o entendimento do porque da presença tão intensa dessa idéia/conceito.

Para tanto buscaremos no plano teórico do pensamento moderno o filósofo que mais influência exerceu na Filosofia moderna que é **Kant**, que, conforme **Leclercq**<sup>5</sup>, "*só Nietzsche lhe pode ser comparado, mas a ação de Nietzsche é mais considerável, no campo da moral prática: a de Kant, no plano teórico, no próprio modo de propor o problema moral*"

Para o perfeito entendimento da concepção moral de **Kant** temos que nos reportar à sua concepção de conhecimento.

<sup>4</sup> in. Trattato di Sociologie Generale. 1916

<sup>5</sup> in. As Grandes Linhas da Filosofia Moral, Ed. Herder, USP

A nossa percepção, para Kant, parte do princípio de que não conhecemos a realidade do mundo externo ( não temos a apreensão da totalidade ), a não ser das formas a priori- que são formas que vêm do nosso espírito e não da experiência - e só ocorre a percepção do real quando permeia por essas formas.

Ex.: Princípio da causalidade, e tempo e espaço.

Estas formas a priori dão origem a juízos sintéticos a priori, pelos quais o espírito afirma as formas a priori e suas propriedades necessárias. Estes juízos são sintéticos porque não partem da análise de outros conhecimentos, mas versam unicamente sobre o objetivo primário do conhecimento e são a priori, porque não vêm da experiência.

A Filosofia de Kant, exerceu forte influência no pensamento moderno e deu origem ao Idealismo no século XIX, que se inspira na crítica da razão pura e pretende encontrar na moral os fundamentos de explicação da razão pura.

Acerca da moral e, ignorando-se o caráter histórico da moral, pode-se dizer que temos, como homem metafísico, no campo da reflexão ética três níveis fundamentais:

1- Deus como origem ou fonte da moral em que as normas morais derivam do poder sobre humano, cujos mandamentos constituem os princípios e as normas fundamentais. Logo, as razões da moral não estariam no próprio homem, mas fora dele.

2- A natureza como origem ou fonte da moral em que a conduta moral do homem não seria senão um aspecto da conduta natural, biológica. As qualidades morais e a disciplina, mútua, solidariedade, etc., não teriam sua origem nos instintos e, por isso, poderiam ser encontradas não só naquilo que o homem é, como ser natural, biológico, mas inclusive nos animais. Darwin afirma que os animais chegam a experimentar quase todos os sentimentos do homem ou seja, amor, felicidade, lealdade.

3- O homem como origem e fonte da moral - nos referindo ao homem como ser dotado de uma essência eterna e imutável, inerente a todos os indivíduos, independente da sua história ou situação social.

Em qualquer dessas concepções a origem e a fonte da moral se encontram no homem e estes se situam nos agrupamentos humanos, conforme Comte, em cada fase do espírito humano.

Sendo a primeira a fase do fetiche ou teológica, a segunda é a fase metafísica, em que ocorrem os princípios gerais abstratos, e na terceira fase, a científica, a efetiva apreensão da realidade pela análise dos fatos, elaboram uma ciência da sociedade, criam uma base moral e política.

Em cada fase, o espírito humano cria um conjunto de idéias para explicar a realidade dos fenômenos materiais e mesmo humanos e como a base da explicação sempre

se situa fora do homem como indivíduo, forma uma situação **a-histórica**, e essas explicações constituem a Ideologia de cada fase.

Para um aprofundamento no entendimento desse conceito - **Ideologia** - ocorre a necessidade da explicação sobre a **Metafísica**, como Ciência ( com C maiúsculo ) primeira. É a ciência primeira, pois contém em si o objeto comum a todas as outras ciências e como princípio próprio um princípio que condiciona a validade de todas as outras.

A Metafísica segundo **Kant**<sup>6</sup>, é o estudo daquelas formas ou princípios cognitivos que por serem constituintes da razão humana, aliás de toda razão finita em geral, condicionam todo o saber e toda ciência e de cujo exame, portanto, se podem extrair os princípios gerais de cada ciência. Diz ainda **Kant**, que a Metafísica pode ser entendida, ou como a segunda parte de "filosofia da razão pura", isto é, como "*o sistema da razão pura (ciência), como o inteiro conhecimento filosófico (seja verdadeiro, seja aparente)-grifo nosso- que derivam da razão pura em conexão sistemática*".

E ideologicamente é esse o mecanismo do conhecimento "filosófico" aparente, que dá certeza ao homem de suas colocações e elocubrações de toda ordem.

**Echeverria Castillo** nos dá uma contribuição para o entendimento da gênese da condição ideológica quando afirma ser reflexo "*da projeção na consciência do homem de suas incapacidades práticas*", não criando uma nova situação mas deformando a realidade.

**Karl Marx** coloca noutro sentido pois em "A Ideologia Alemã" o conceito de Ideologia já aparece equivalente a ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as idéias aparecem como motor da vida real. Mais tarde **Marx** amplia o conceito e fala das formas ideológicas através das quais os indivíduos tomam consciência da vida real, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Nesse caso a Ideologia tem uma função política.

Enquanto os filósofos trabalham com o indivíduo procurando na sua essência, a origem das idéias, os pensadores modernos procuram trabalhar a forma e, a partir daí podem observar que "*a conversão moderna para o formalismo corresponde a tendência para colocar toda a ênfase moral não no objetivo e no comportamento ostensivo e suas consequências visíveis mas na intenção do agente*".<sup>7</sup>

<sup>6</sup> in. *Crítica da Razão Pura*

<sup>7</sup> cf. **Karl Mannheim**, in *Diagnóstico do Nosso Tempo*, Zahar Ed., 1961

## QUESTÃO DO MÉTODO

Para um estudo sistemático do objeto destas reflexões, podemos iniciar a questão do método. O que significa método, a adequação do método ao pensador e do pensador ao método, uma vez que um é inerente ao outro mesmo em função da formação do pensador, formação esta no sentido mais amplo da palavra, independente do nível intelectual, psicológico ou espiritual da pessoa.

A gênese do método de ver o mundo - material ou espiritual - essencialmente é criada pela própria trajetória da pessoa. Quando material ela se preocupa com as formas e quando espiritual se pauta na essência.

Ambas são próprias e suficientes para cada pessoa ver a totalidade do que é real, a uma não suplanta nem desautoriza o outro, porque a construção da realidade está em função da própria realidade do indivíduo, esta realidade percebida que é o fim a que se quer chegar ( e que nunca se chega na plenitude) é o objeto.

Ambas as correntes metodológicas estão primeiramente inseridas dentro da Lógica como ciência, uma vez que têm o escopo de "*estudar leis gerais do pensamento e a arte de aplicá-las corretamente na investigação e demonstração da verdade dos fatos*"<sup>18</sup>

Aristóteles criou a lógica como instrumento que mais seguramente o conduziria à verdade, ou seja, a Lógica como a arte de bem conduzir a própria razão no conhecimento das coisas.

Quando se trata de percepção das leis gerais do pensamento, universais e aplicáveis em todas as operações do intelecto, temos a lógica formal, que pode identificar três partes distintas mas que constituem um todo do pensar humano ( ou três vieses para a observação) que são :

- **idéia, juízo, e raciocínio**, enquanto pensamento ou representação abstrata;  
- **termo, proposição, e argumento**, respectivamente, enquanto representação sensível concreta, para quaisquer símbolos representativos.

O desenvolvimento da lógica repousa sobre os elementos que dão validade a todos os atos do pensamento, axiomáticos dada a incontestabilidade deles. Estes elementos correspondem aos seguintes princípios:

1º - Princípio da Identidade - (em si) que se basta sem sombra de dúvida.

Ex.: Eu sou aquele que é (definição de Deus, por Deus à José no Egito).

2º - Princípio da Contradição - Uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, duas coisas contraditórias, uma é necessariamente falsa;

Ex.: João é homem e João não é homem.

<sup>18</sup> cf. Nérici, in Introdução à Lógica

Este princípio, para **Aristóteles**, é o mais importante, uma vez que os outros a ele se reduzem.

3º - Princípio do terceiro excluído - Se baseia na concepção de que dois juízos contraditórios não podem ser simultaneamente falsos.

4º - Princípio da Razão Suficiente - Formulada por **Leibniz** e diz: "*todas as coisas devem ter uma razão suficiente pela qual são o que são e não são outra coisa*". Há conhecimentos aos quais damos créditos devido às razões que são acompanhadas e, que são tidas como suficientes para garantirem autenticidade. **Schopenhauer** desdobrou estes princípios em quatro.

- a) Princípio da razão suficiente, aplicada à mudança - **causa**
- b) Princípio de razão suficiente aplicada ao ato de conhecer - **conhecimento**
- c) Princípio da razão suficiente ao ser independente do tempo - **ser**
- d) Princípio da razão suficiente aplicada ao agir - **motivo**

Com a necessidade de especialização para a apreensão do conhecimento com mais profundidade, inicia a partir de **Descartes, Leibniz, Raimundo de Lull, Hegel, Marx**, etc, a Logística ou Lógica Algébrica ou ainda Lógica simbólica, uma vez que parte da criação de símbolos como linguagem sem ambigüidades. Foi vislumbrada por **Leibniz** não com o intuito de substituir a Lógica Formal e sim de completa-la, uma vez que a Logística não subsiste sem a lógica formal.

**Descartes** em seu "*mathesis universalis*" pretende englobar, além de Geometria e da Álgebra, a própria Lógica. O seu objetivo era chegar a um plano rigorosamente formal que servisse de fundamento para toda realidade, mas foi **Leibniz** que vai estruturar essa nova maneira Lógica.

Dentre as vertentes da Logística que se preocupam com a pureza dos conceitos, com o interesse de procurar libertar a linguagem científica da contradição e da subjetividade, temos aquelas que procuram distinguir e dissociar a verdade da verdade formal. Considerando **verdade formal** aquela representada pela coerência da estrutura interna das proposições (proposição como expressão verbal de um juízo, uma máxima) e suas relações; e **verdade objetiva**, pela correspondência de estrutura Lógica formal das proposições com a realidade objetiva.

A característica da Lógica Clássica é a sua ambivalência, ou seja afirma ser falso tudo o que não é verdade e verdadeiro tudo que não é falso. A lógica polivalente escapa dessa ambivalência e prevê a possibilidade de uma nova ou novas situações.

**Platão** acerca do diálogo, modifica a forma característica do diálogo a dois e passa ao diálogo a um, com o nome de **dialética**. É a materialização de um esforço de recordação, uma vez que **Platão** acreditava que a verdade está na nossa essência, captada do mundo das idéias, e que se encontra esquecida na consciência de cada um. A base deste

diálogo, como teoria para se chegar à verdade, se pautava na tentativa de se chegar à conciliação de duas afirmativas opostas.

**Hegel** cria uma lei da dialética, que como **Platão** e **Sócrates** também envolveria contradição e conciliação, só que para **Hegel**, esta atuava não apenas no domínio da lógica, mas também no ambiente do mundo natural e da história. As mudanças que ocorrem no mundo natural são registadas na história, para **Hegel** e se processa em três fases.

A primeira fase é a **Tese**, que é um processo de afirmação/unificação; a segunda fase é a **antítese**, é a dissociação da Tese e a terceira fase é a **Síntese**, que é uma nova unificação que concilia a Antítese com a Tese. A cada síntese sempre ocorre um avanço qualitativo, mais elevado.

Logicamente a contradição, para a dialética, não é a negação do pensamento lógico, mas sim estímulo para o pensamento conseqüente e produtivo. É o conjunto de contradição, de Tese e de Antítese que dá origem ao movimento dialético do pensamento (e das coisas).

Essa é a essência da lógica Dialética.

## QUANTO AO OBJETO

A lógica com todas suas nuances e tendências têm por escopo a obtenção da verdade. Como processo se alia a outros processos, e este constitui a forma o método que orienta o espírito na investigação e demonstração da verdade, pontuado sobre um objeto ( objeto de estudo). Em alguns momentos esse conjunto é um simples método de investigação em outros momentos, é uma doutrina, e deve-se ter consciência disto.

É nesse momento do ato de pensar e refletir que ocorre a introdução de uma grande carga ideológica. A construção do método e a escolha do objeto de estudo é permeado desde o início pelo modo como foi formada a pessoa, seus relacionamentos, suas aspirações e, para o homem comum inclusive suas incapacidades.

O método nesse momento dá a ferramenta para o indivíduo que o criou, e pode se tornar tão fechado que dá a ilusão à pessoa de ter compreendido aquilo que não está em condição de explicar. Ocorre uma feticização da realidade, não como nova situação, mas sim como condição deformante daquilo que se passa.

Esse processo de deformação cria uma relação imaginária das pessoas com as relações reais sob as quais elas vivem e que as governam. Isso entra no âmbito da verdade como conformidade com o real.

**São Tomás de Aquino** define verdade, e para tanto divide a verdade, em **intelectiva** como sendo uma adequação do intelecto à coisa, pela qual o intelecto diz que é o que é ou que não é o que não é; e **verdade da ciência** que, para consegui-la o intelecto deve tomar-se o espelho fiel da realidade existente.

Todos nós sabemos que o depositário de conhecimento no período renascentista, principalmente quanto à filosofia era a Igreja e se tinha, naquele momento o conceito de fé como arauto do conhecimento, e os valores que predominavam eram os da sociedade do momento, a sociedade feudal.

É com esse cenário, aliado ao fato de ter ocorrido a queda de Constantinopla ( 1453 ) em decorrência da invasão turca que criam as condições conjunturais que levam os pensadores daquela parte do mundo a irem para o centro intelectual do momento, Itália e Veneza<sup>9</sup>. Influenciam sobremaneira o pensamento ocidental, contribuindo assim para os caminhos básicos do Renascimento que ocorre naquele momento, o caminho literário (principalmente) o caminho religioso ( que teve como evento principal a reforma protestante).

A característica do momento é a tendência à retomada de **Platão** e dos **Aristotélicos** e deu ensejo à dicotomia **Teocentrismo** versus **Antropocentrismo**, ou seja, **Escolástica x Humanismo**. Esta busca da verdade via intelectual ou via ciência, trouxe para nós formas diferenciadas de se observar e estudar a realidade. É nesse processo de estudo e observação que permite o desenvolvimento do embrião do "senso político" permitindo assim a possibilidade de acesso ao conhecimento ao homem comum.

No momento que se inicia a possibilidade da participação política para um significativo número de pessoas, começa a preocupação do homem comum em entender a realidade que o cerca e interferir nela e, como nem sempre tem condições de entender essa totalidade, fica muito difícil para si, explicar essa mesma realidade.

Essa possibilidade de participação se deve à luta " *constante e vigorosa em favor, da liberdade filosófica contra o tradicional princípio de autoridade* " <sup>10</sup> encetada por **Giordano Bruno**, ele mesmo oferece-nos, o gérmen da Ideologia, quando afirma " *Um amor que não dá tréguas, estimula a potência de conhecer o que a tradição herdada não conhece e nem abrange ainda*", e segundo **Mondolfo**, " *...Toda faculdade cognoscitiva, enquanto possibilidade, exige a sua própria realização e tende, portanto a agarrar e possuir os seus objetos em uma medida cada vez maior*", e voltando a **Bruno** " *...na sensibilidade e no intelecto há um apetite e impulso para o sensível e o inteligível em geral*", " *...um acicate que estimula sempre a avançar ainda mais além do que possui*"; " *...a verdade infinita que esta em qualquer parte sem ser circunscrita a parte alguma ( em*

<sup>9</sup> No momento, o que hoje é a Itália, era composta de várias republicas como Florença, Pisa, Luca, Genova, **Veneza**, no Norte e, Reino de Nápoles, Piemont, Lombardia e Sardenha, ao Sul. O Reino da Itália se formou a partir de 1797 com a criação do reino da Cisalpina que gerou o Reino da Itália em 1806.

<sup>10</sup> cf. Mondolfo, in Filosofia do Pensamento

em nenhum lugar presente, de nenhum ausente). estimula e atrai a si o esforço de todos os homens. Por vários graus e escalões diversos todos aspiram, tentam..."

Esse esforço universal, segundo **Bruno** isso não significa apenas um esforço universal, ocorre também o permanecer impotente para a maioria dos homens.

**Kant**, também confirma a revelação de **Galileu** em a "Crítica da Razão Pura", quando diz que "*Eles ( Galileu e seus sucessores), entenderam que a razão vê unicamente o que ela mesma produz, segundo seus próprios planos*".

A necessidade, nestas reflexões de se ir ao período Renascentista é, como ficou acima explícito, procurar as razões daquilo que permitiu a criação do conceito de Ideologia, hoje tão comum.

A partir daí, a escolástica ganhando espaços e uma maior complexidade nas estruturas sociais, leva à necessidade da formação de uma "staff" para o poder e um conjunto de apoio à estrutura de poder. Dada a necessidade de informação para formar uma contra informação daquilo que a Igreja ( como depositário máximo de conhecimento) impunha no momento, surgiu um grupo de pensadores, entre eles **Augusto Comte** que, partindo de uma crítica científica da teologia, chega a uma Filosofia da História <sup>11</sup> que prega "...a idéia como condutora da transformação do mundo" tal como **Hegel** e é a evolução da inteligência humana que comanda o desenrolar da história. **Comte** parte do princípio que a inteligência alternadamente produziu no curso da história as obras da civilização e a história do conhecimento e das ciências. "*O espírito não poderia conhecer-se interiormente*" ( ele rejeita a introspecção, porque o sujeito do conhecimento confunde-se com o objeto estudado e porque ninguém pode colocar-se à janela para se ver passar na rua! ). *O espírito pode descobrir-se apenas através das obras, da cultura e particularmente através da história das ciências*". A filosofia comtista da história é "...uma filosofia da história do espírito através da ciência".

Em função disso, que **Comte** tenta voltar à **Destutt de Tracy** em seu "Cours de Philosophie Positive", quando afirma que a Ideologia parte de dois sentidos:

1º - Formação das idéias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o ambiente. (base da Geografia Positiva )

2º - Conjunto de idéias de uma época, tanto como "opinião geral" quanto no sentido de elaboração teórica dos pensadores dessa mesma época.

Ele afirma ainda que o homem passa por três fases, a de **fetichismo** ou **teológica**, a fase **metafísica** e a **científica** que é o estado positivo, onde ele renuncia a procurar os fins últimos e a responder aos últimos "porquês". A noção de causa é substituída pela noção de leis, estas são as leis dos três estados do homem.

No seu discurso sobre o espírito positivo, ele procura dar o significado à palavra positivo como sendo "...o real em oposição ao quimérico" ou ainda , o

<sup>11</sup> cf. André Verguez e Huisman

"...contraste do útil com o inútil", pode também ser empregado como contraste entre certeza e indecisão", "...o que é preciso ao vazio" ou finalmente "positivo como contrário ao negativo".

É por meio dessas acepções que, principalmente o grupo em poder usa, a filosofia comtiana, para a dominação e de tal modo fundamentada que promova em quem domina como também no dominado uma "...deformação ideológica que não se explica por uma má consciência ou vontade de enganar das classes dominantes, mas se deve fundamentalmente à necessária opacidade das realidades sociais que são estruturas complexas que só podem chegar ao conhecimento, através de uma análise científica..." Porém, em alguns momentos ocorrem "representações tendenciosas porque a sua finalidade não é dar aos homens conhecimento objetivo (por mais que possa parecer) do sistema social em que vivem, mas fornecer-lhes uma representação mistificada desse sistema para mantê-los acomodados no sistema de exploração de classes".<sup>12</sup>

Divergindo da concepção positivista (que se baseia na corrente de pensamento idealista), a corrente materialista (dialética) conceitua Ideologia como base nos pressupostos teóricos materialistas, onde o mundo material é anterior ao espírito, sendo este (espírito derivado do mundo material).

Estes pressupostos (materialistas) se opõem frontalmente aos idealistas, pois estes concebem a razão/ideia como criadora da própria realidade objetiva, diferente dos materialistas, que consideram o movimento como elemento fundamental da matéria e que existe independente da consciência; que também seria resultante da matéria, no entanto, isso não significa que esta seja inteiramente passiva e subordinada à matéria, pois o conhecimento liberta o homem por meio da ação deste sobre o mundo.

A concepção de ideologia (conforme já observamos) apresenta-se nas mais diferentes formas, mudando o sentido de uma corrente de pensamento para a outra, além de "interferir" direta/indiretamente no próprio engendramento no escopo teórico/metodológico da ciência.

Analisando a concepção de ideologia no pensamento marxista, observamos que mesmo tratando-se de única corrente de pensamento, apresentar-se-á com certas diferenças. A concepção de ideologia de **Lênin**, por exemplo, difere de seu predecessor, **Marx**.

**Marx** apreendeu o conceito de ideologia conservando o sentido pejorativo do termo (empregado por Napoleão) designando de "ideólogos" e "metafísicos especuladores" os teóricos por ele criticados, que apresentavam uma interpretação distorcida da realidade.

Em "A Ideologia Alemã" (primeira obra em que desenvolveu o conceito de ideologia), **Marx** tece uma crítica aos "neo-hegelianos", ou seja, aos "ideólogos

<sup>12</sup> cf. Louis Althusser, in Aparelhos Ideológicos do Estado, 3ª Ed., Graal Ed, 1987. Rio de Janeiro

...es" (Feuerbach, F. Strauss, Max Stainer, Bruno Bauer...) que tinham a pretensão de superação do sistema hegeliano.

No entanto, segundo Marx estes pensadores elaboraram críticas estreitas ao pensamento hegeliano, pois criticaram aspectos pontuais deste, utilizando-os como fundamento à crítica do sistema hegeliano como um todo (além de não observarem a realidade histórica da Alemanha, naquele momento), substituíram a dialética idealista por filosofias sem sentido.

A crítica elaborada por Marx ao pensamento hegeliano, caminhou no sentido do aprofundamento e superação de alguns pontos, mas não no sentido de sua superação total. Ao contrário, Marx conservou (até mesmo fundamentou sua teoria) importantes aspectos deste, como a dialética - movimento interno de produção da realidade movido pela contradição - porém negando-a enquanto idealista, e concebendo-a como dialética materialista.

Marx nega a dialética idealista, demonstrando que a contradição que move a produção da realidade, não é a contradição das idéias (espírito) consigo mesmo, a contradição para Marx nasce da relação social de produção (entre os homens) em determinadas condições históricas.

A dialética é materialista, pois o que a move são as contradições contidas no trabalho material, e não apenas as contradições no nível das idéias.

Partindo do princípio da dialética materialista, Marx conservará também o conceito de alienação, no entanto, novamente afirmará que a alienação não é a do espírito por si só, pois sendo o homem um ser histórico, a alienação seria proveniente das relações materiais de produção e reprodução de sua existência.

A divisão do trabalho em intelectual e material bem como a separação dos trabalhadores das condições materiais necessárias para a produção e reprodução de sua existência, seriam as condições materiais da alienação do homem. O trabalho alienado seria aquele em que o produtor já não poderia reconhecer-se no resultado de seu trabalho, pelo fato de não dominar as finalidades de seu trabalho, que são detidas pelo proprietário das condições de trabalho.

Nesta definição Marx negará a concepção de "essência humana" de Hegel, pois o homem seria fruto das condições materiais de sua existência, logo, um ser histórico.

Marx afirma ainda que alienação seria a primeira forma de "consciência" do homem, pois a alienação, o fetichismo, fazem parte do processo em que as atividades humanas se tornam independentes e autônomas, como se estas se realizassem por si mesmo.

Da mesma forma a consciência estará ligada às condições materiais de produção. No entanto, não significará a representação fiel da realidade, esta lhes aparece na experiência imediata, onde as idéias tendem a aparecer invertidas do processo real.

A ideologia para Marx nasce, então como sistema ordenado de idéias ou representações, e das normas e regras, como algo separado e independente das condições materiais visto que para seus produtores (teóricos, "ideólogos", intelectuais...) as idéias aparecem como produtos do pensamento (em si), isso deve-se ao fato destes estarem distanciados da produção material.

Portanto, ideologia para Marx aparece como uma concepção distorcida ("invertida") da realidade, concepção esta criada a partir das idéias de uma classe dominante, ou seja a ideologia da classe dominante.

Ainda dentro do pensamento marxista, Lenin apresenta um outro sentido de Ideologia. A Ideologia para este, é concebida como qualquer concepção da realidade social ou política vinculada aos interesses de diferentes classes sociais. Lenin distingue duas "ideologias", a Ideologia Burguesa e a Ideologia Proletária.

Com a corrente leninista, este termo se disseminará no movimento operário, identificado como "lutas ideológicas", trabalho ideológico etc. ou seja, a uma certa popularização/"vulgarização" do termo ideologia.

Essas correntes de pensamento, a positivista, bem como a marxista (materialista), exerceram forte influência nas ciências humanas. Na geografia, observaremos historicamente uma influência significativa dos princípios positivistas no seu método de abordagem.

Uma corrente representante dessa influência é a geografia neo-positivista que se baseia no princípio comtiano de observação das idéias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o ambiente.

O ambiente, onde ocorrem os fatos passíveis de observação, também em função do ambiente em que ocorre a difusão e a troca do conhecimento entre as pessoas.

É no ambiente, onde ocorre a educação, o embate político, enfim as relações entre as pessoas.

Em contraposição a geografia neo-positivista, ou melhor, da crítica à geografia dita tradicional ("conservadora") surge uma corrente de pensamento geográfico fortemente influenciada pelos princípios teóricos do materialismo histórico e dialético (marxismo) que é a geografia radical.

Esta tendência surge na década de 60, em decorrência do amadurecimento provocado pelas manifestações sociais contra a guerra do Vietnã. A geografia radical em termos gerais, é fruto de movimentos e manifestações de conflitos mais amplos dentro das ciências, fazendo parte do levante de tomada de consciência nas ciências sociais.

Nesse momento, dada a importância do engajamento da ciência na problemática social, optou-se "radicalmente" por um método de análise pautado na corrente de pensamento marxista.

A geografia radical surge então, como um movimento renovador do pensamento geográfico, rompendo com as correntes anteriores, tradicional e a pragmática.

Esse rompimento foi devido ao nível de crítica sobre o pensamento geográfico tradicional pautado na fundamentação positivista, restringindo suas análises a nível do empirismo exacerbado.

A negação desses princípios anteriores, culminou na busca das raízes sociais da geografia.

Este processo crítico/renovador visava abolir o conteúdo "classista" da geografia tradicional, mostrando que esta possuía vinculações entre suas teorias e o imperialismo, numa tentativa de desmistificar a "objetividade" desse envolvimento, que atava a geografia aos interesses do Estado, exercendo um papel "ideológico" de ocultamento da realidade social às interpretações e análises geográficas.

### **Importância do espaço nas relações ideológicas**

O ambiente onde ocorrem os fatos passíveis de observação determina a difusão e a troca do conhecimento entre as pessoas. É no ambiente que ocorrem a educação, o embate político, enfim, as relações interpessoais.

A partir do período renascentista fica claro o papel do "locus" como elemento de difusão do conhecimento e de dominação, é neste momento que ocorre o processo de modernização do mundo pelo fluxo rápido de artistas para um mesmo lugar, pela possibilidade de acesso à educação de um número significativo de pessoas, e inicia o modernismo nas artes, com uma troca intensa de informações entre o oriente e o ocidente e no pensamento, pelo mesmo motivo aliado à Reforma Protestante. Esta tendência que dá um sentido de modernidade ao mundo ocidental começa a se perder por ocasião da Revolução Francesa e, a partir daí começa o período pós-modernidade.

Esse conjunto de fatores cria uma nova ordem mundial e estimula o desenvolvimento do comércio e conseqüentemente o desenvolvimento do capitalismo. A necessidade de dominação pelo capitalismo recria e estimula novas formas de dominação, que passam a ser estudadas pelos pensadores que, no decorrer do tempo vão se sucedendo. Alguns como Boudelaire se preocupam em justificar a burguesia e evidenciam as formas urbanas (boulevares), percebendo assim a importância do aglomerado urbano como criador e difusor, o que conseqüentemente dá condição para ser o centro do poder.

O espaço, em si, passa a ter mais importância que o próprio homem, pois ele é o espelho do poder de quem o ocupa. Paradoxalmente o homem, na modernidade tem o maior nível de possibilidade de acesso ao saber e à cultura e é nesse momento que mais

distante se encontra desse mesmo saber e dessa mesma cultura, não permitindo a sua percepção total de realidade, e permitindo "...uma representação de relação imaginária, dos indivíduos com suas condições reais de existência". Perde o homem sua capacidade de abstração e de filosofar, dadas as necessidades do momento que premia a especialização, a compartimentalização do conhecimento em todos os níveis.

Para o entendimento da modernidade faz-se necessário o entendimento das categorias, Espaço/Tempo dado que o ritmo das mudanças e o desrespeito à natureza cria uma situação de desequilíbrio no homem, que se torna impotente frente aquilo não compreende, à sua natureza criando nele um nível alto de incapacidade que se projeta na sua consciência, dando ensejo para a criação de mecanismos outros para o entendimento da realidade que o cerca e, mesmo que não possa explicar essa realidade, estes mecanismos dão a ele a ilusão do entendimento dessa mesma realidade em que se encontra inserido.

### **Considerações finais**

Pelo que se pôde observar, no decorrer destas reflexões, a "cada fase do espírito humano, o leva a criar um conjunto de idéias para explicar a totalidade dos fenômenos naturais e humanos". Essas explicações constituem a ideologia de cada fase. No estudo de geografia, é importante termos em conta que a "força de persuasão de uma teoria não está ligada, de modo imutável à própria teoria, mas depende da camada social em que a teoria opera ou faz servir. A verdade ou a não verdade científica da teoria é certamente um elemento desta camada que entra à constituir, como os demais elementos, a força de persuasão da teoria."

Por não ser imutável a sua ligação, não quer dizer que não há necessidade da apreensão do conhecimento (filosofia) desde a origem, uma vez que objetivamente a geografia, como toda ciência é subordinada à Filosofia que é a ciência do universal. O estudioso da geografia (bem como os das demais ciências), devem necessariamente instruir-se na verdadeira ciência (Filosofia) sem a qual não terá embasamento para a apreensão da realidade que o cerca, e das interações de si mesmo com os outros indivíduos que e com a natureza. Será facilmente enredado pela teia da Ideologia e, fatalmente transferirá um conhecimento vicioso para quem quer que chegue junto a si. Deve-se ter consciência que o conhecimento da camada social a que a Geografia, objeto de suas reflexões, procura servir, sendo reflexo dessa mesma camada, então, para se obter uma ciência verdadeira, o objetivo maior é procurar elevar o padrão de exigência da camada social dado que a verdade ou não verdade científica da teoria (ciência) é parte componente

desta camada, dela sai a ela retroalimenta, e volta a constituir, como os demais elementos a força de persuasão da teoria.

## BIBLIOGRAFIA

01. ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro. Graal Ed., 1984
02. CHAUI, Marilena. O que é Ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1984.
03. ENGELS, Friederick. A origem da família e da propriedade privada e do Estado. Lisboa, Presença,.....
04. ECO, Humberto. Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1989.
05. LECLERCQ, Jaques. As grandes linhas da filosofia moral. São Paulo, Herder-USP, 1967.
06. MANNHEIM, Karl. Diagnóstico de nosso tempo. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.
07. MONDOLFO, Rodolfo. Figuras e Idéias da Filosofia da Renascença. São Paulo, Mestre Jou
08. VERGEZ, Andre, HEISMAN, Deris. História dos Filósofos Ilustrada pelos Textos. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1988.
09. VAZQUES, Adolfo S. Ética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.